

Parceria Mais de cem empresas se envolvem nas ações do Grupo + Unidos

Grupo constrói pontes entre programas sociais

Silvia Torikachvili

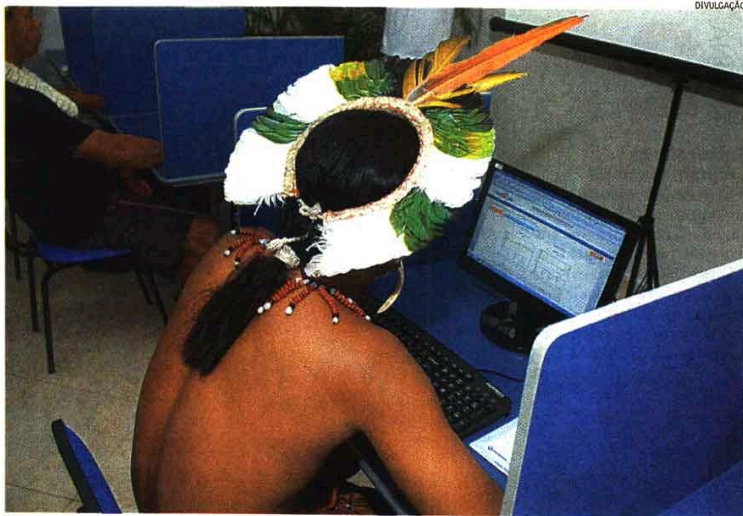
Para o Valor, de São Paulo

Cada vez mais companhias com projetos sociais similares ou complementares buscam o apoio do Grupo + Unidos — parceria entre a missão diplomática dos EUA em Brasília e a Usaid (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional). O objetivo é construir pontes entre programas que visem resultados mais abrangentes e com maior impacto.

Essa nova possibilidade de investimento social começou em 2006, com a participação 30 empresas. Hoje já são mais de cem. A ideia do + Unidos, segundo Alex Alves, responsável pelo desenvolvimento de parcerias da Usaid, é ampliar os investimentos sociais dos EUA no Brasil.

O primeiro relatório que quantificou o investimento social dos americanos no país foi divulgado em 2008. Revelou que, entre 2006 e 2007, foram investidos mais de R\$ 200 milhões em cerca de 800 projetos. Perto de seis milhões de pessoas foram beneficiadas diretamente e 32 milhões, indiretamente. Ao mapear as prioridades dos investimentos sociais foram identificadas, pela ordem, as áreas de educação, meio ambiente, empregabilidade e saúde.

Parceria em educação, por exemplo, é o projeto compartilhado entre o Walmart e a IBM, na Bomba do Hemeitério, bairro da periferia do Recife (PE), onde a rede varejista mantém uma escola social com a finalidade de capacitar jovens para o primeiro emprego. Com uma população de quase 12 mil pessoas, a Bomba é um celeiro cultural com forte vocação turística. Essa característica da região desperta na jovens do bairro, conforme conta Paulo Mindlin, diretor de responsabilidade



Índio aprende a usar computador: ideia do + Unidos é ampliar os investimentos sociais dos Estados Unidos no Brasil

social do Walmart, a percepção de que aprender inglês tem tudo a ver com o progresso pessoal. A entrada da IBM, com softwares, equipamentos e divisão de recursos, não demorou.

“Estamos sempre em busca de projetos de outras empresas com os quais possamos colaborar”, diz Ruth Harada, diretora de cidadania corporativa da IBM. Para compartilhar o projeto do Walmart, a IBM disponibilizou o Reading Companion, software que facilita o aprendizado de inglês. “Unimos experiências para que os projetos ganhem impacto”, diz Mindlin.

O Reading Companion, lançado no Brasil em 2007, já foi implantado em 14 cidades e em mais de 20 instituições. Na Bomba do Hemeitério, o trabalho envolve o governo de Pernambuco, que destacou seis escolas públicas para participar.

O meio ambiente foi a área que aproximou a Embrapa e a Fundação Cargill. No Brasil, onde 57% da população ainda não tem esgoto coletado, segundo números do Instituto Trata Brasil, o projeto de fossas biodigestoras pode ser um modelo a ser replicado — em parcerias, com baixo investimento e bons resultados. A redução de casos de infecções intestinais possibilitaria economia de R\$ 745 milhões só em despesas de internação no SUS ao longo dos anos.

De olho nesses números, Denise Cantarelli, gerente da Fundação Cargill, conta que a organização tinha interesse em investir no bioma amazônico, especificamente na zona rural de Porto Velho, em Rondônia. Com recursos de US\$ 80 mil — 90% da Usaid e o restante da Cargill, que também faz a administração do programa e a gestão do in-

vestimento, o projeto de fossas biodigestoras entrou na casa de 17 famílias de Porto Velho.

Os relatos dessas primeiras famílias contempladas serão ouvidos no próximo mês. “Mas já sabemos que a implantação dos biodigestores diminuiu a incidência de doenças”, adianta Denise. Na Embrapa, Álvaro Macedo da Silva, chefe da instrumentação agropecuária, enumera outros benefícios. “Esse modelo de saneamento tem um papel social importante para comunidades rurais”, diz. “Além de quebrar o ciclo de problemas de saúde, preserva o lençol freático e o material coletado se transforma em adubo orgânico para a lavoura.” Para Macedo, essas inovações têm de sair das prateleiras e ficar à disposição de empresas interessadas em levar saneamento às áreas onde mantêm suas fábricas.

Tecnologia 3G ajuda pescadores no sul da Bahia

De São Paulo

Smartfones, modems, aplicativos, cursos e assistência técnica estão transformando a vida dos 2 mil pescadores de Santa Cruz Cabralia, no sul da Bahia. Agora eles são agricultores marinhos. A nova situação é resultado da parceria da Qualcomm com a Vivo e suporte técnico do Instituto Ambiental Brasil Sustentável (IABS), que treina e capacita os pescadores para o cultivo de espécies como forma de garantir a sustentabilidade dos cardumes. No sul da Bahia, onde 80% da economia gira em torno da pesca, o programa Pescando com Redes 3G veio com a oportunidade de livrar os pesca-

dores dos atravessadores, multiplicar os ganhos e garantir a sobrevivência das novas gerações. “O projeto introduz novas pescarias e muda a forma de trabalhar”, diz André Brügger, oceanógrafo e diretor do IABS. “Em vez de explorar a natureza, o pescador planta para colher depois.”

Na Costa do Descobrimento, onde Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia e Belmonte exploram o turismo vivem mais de 200 mil habitantes, incluindo os quase 18 mil índios pataxós — incluídos nos programas de pesca sustentável. O cultivo das ostras é uma das modalidades. Cada maricultor acompanha o desenvolvimento de até 60 mil ostras e assegura uma renda de

R\$ 20 mil por ano. “E tem garantia da venda do produto”, diz Francisco Soares, diretor de relações governamentais da Qualcomm. Para assegurar a venda, os criadores lançam todos os dados nos smartfones, que estão em rede com as pousadas, restaurantes e hotéis, que bloqueiam a produção para a data em que as ostras estiverem no ponto de ser apreciadas.

A tecnologia 3G de que os pescadores e criadores dispõem permite que as informações e as operações de negócios circulem em tempo real entre produtores e compradores. Os filhos e as mulheres dos pescadores participam: em terra, podem alimentar o aplicativo com as demandas

dos restaurantes. “Pescador, quando volta do mar, nunca sabe se teve lucro ou prejuízo”, diz Manoel Rodrigues, 48 anos de pesca. “É só jogar os dados no aparelho; nem é preciso entender como funciona; o importante é que o aparelho diz o montante da minha pescaria e faz o cálculo entre o que gastei e o que posso lucrar.”

A chegada do 3G à pesca trouxe outros benefícios. O pescador dispõe de suporte técnico, conselhos de especialistas e análises sobre a salinidade e pH da água. Informações meteorológicas em tempo real também garantem segurança à navegação, já que nem GPS nem sonar funcionam em alto-mar. (S.T.)